

# EDUCAÇÃO DO CAMPO, MÍSTICA E IMAGINÁRIO SOCIAL: A IMPORTÂNCIA DA MÍSTICA ENQUANTO AÇÃO PEDAGÓGICA

(Autor (1) Eunice Simões Lins; Co-autor (1) Márcia Medeiros Figueiredo; Co-autor (2) Dayanna Alves Cavalcanti)

(Universidade Federal da Paraíba – euniceslins@gmail.com – [marciafigueiredo01@hotmail.com](mailto:marciafigueiredo01@hotmail.com) – [histori21@hotmail.com](mailto:histori21@hotmail.com).)

## **Resumo:**

Neste estudo pretendemos empreender uma reflexão de que a concepção de Educação do Campo proposta pelas Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo vai além da concepção de educação rural que se tinha, a saber, uma educação que considerava apenas a dimensão econômica. Ressaltamos que a nova concepção abrange a emancipação humana, o atendimento as especificidades do campo, levando em consideração aspectos da cultura camponesa, da identidade dos sujeitos em questão, das relações socioambientais, do exercício da mística e também das organizações políticas. Partimos do pressuposto de que toda mística tem como sentido último a libertação das pessoas e que enquanto ação pedagógica pode atuar no enfrentamento de muitas questões vivenciadas no cotidiano. A análise empreendida neste estudo, parte de uma perspectiva de que o homem é o ser que cria símbolos para mediatizar suas relações com o mundo; assim buscamos compreender as questões que envolvem a educação do campo e identificar o imaginário social presente nos símbolos utilizados na mística realizada pelo MST. Para um aproveitamento significativo e chegarmos ao objetivo proposto, selecionamos a pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa e bibliográfica. Tal investigação observa, registra, analisa e correlaciona fatos sem manipulá-los, e objetiva recolher, analisar e interpretar as contribuições teóricas já existentes diante de um determinado fato, assunto ou ideia. Designamos para este artigo a análise da bandeira de luta de tal movimento, a qual consiste no símbolo que circunda uma ideologia constituindo a mística do Movimento. Como resultado do nosso estudo foi possível descrever sobre a mística enquanto espiritualidade que liberta; bem como identificar o imaginário social presente no qual se insere a mística enquanto ação pedagógica no MST, que ensina e dá forças para que os sem-terra possam construir demandas e bandeiras de luta.

Palavras-Chave: Educação do campo; Mística; Imaginário Social; Ação educativa.

## INTRODUÇÃO

O final dos anos de 1970 e o início da década seguinte no Brasil foram de extrema relevância para a emergência de “novos” sujeitos na história do país. O adjetivo “novo” referente aos sujeitos, não quer dizer que os mesmos não existiam, mas que as formas de manifestação em meio à sociedade se configuravam recentemente para o período. Assim, os “velhos” sujeitos emergiam com “novas” formas de atuar na sociedade.

Vale ressaltar que a participação dos movimentos sociais do campo, em especial o MST, na elaboração de uma educação orientada para seus interesses é crescente desde a década de 1980, bem como, a importância da mística e a reivindicação da construção de escolas públicas em assentamentos de Reforma Agrária.

Por outro lado as políticas educacionais desenvolvidas depois do processo de industrialização do país caracterizaram o papel marginal que a Educação do Campo ocupou na história educacional brasileira, principalmente, durante o Regime Militar, quando esta foi pensada com o objetivo de atender as demandas do mercado industrial.

Porém no ano de 2001 foram aprovadas pelo MEC as Diretrizes Operacionais para as escolas do campo, o que marca como um símbolo da conquista dos movimentos sociais do campo que luta por uma educação que considere suas diferenças histórico-culturais.

Entretanto as experiências de luta do MST pela terra contribuíram para a construção de uma pedagogia que valorizasse as diferenças histórico-culturais do homem do campo. Nesta perspectiva a Educação do Campo está em movimento de (re)construção, tendo em vista que as experiências não são ações isoladas, mas encontram-se num intenso exercício entre teoria e prática.

Dentro da organização do MST foram criados setores que teriam como função acompanhar e elaborar propostas para o melhor desenvolvimento econômico e social de acampamentos e assentamentos de Reforma Agrária.

Um dos setores de destaque neste trabalho é o de Educação, que vem elaborando propostas pedagógicas para efetivar um ensino que sirva para conscientizar o homem da realidade em que está inserido. O objetivo da pedagogia do movimento é formar pessoas para o exercício da cidadania. Tal movimento concebe a educação como instrumento de transformação social e luta pelo processo de inclusão social e democratização dos direitos para população do campo.

Neste artigo, buscamos resgatar o significado místico do homem camponês, marginalizado e rotulado como atrasado, incapaz, até porque a proposta dos diversos movimentos sociais é pensar o campo sem precisar associá-lo ao modelo de desenvolvimento urbano.

Até porque é possível perceber o crescimento a partir dos anos 90 da participação dos movimentos sociais na discussão e formulação de uma educação diferenciada para o campo em nível nacional. As novas concepções de educação no campo, apesar de apresentarem-se ainda conservadoras, servindo de suporte para a desigualdade social, pelo menos no plano legal, favoreceram a criação de uma nova visão sobre o meio rural.

No que diz respeito à LDB 9.394/96 ao apresentar seu texto a preocupação em promover a desvinculação da escola rural dos meios e da performance da escola urbana, é possível perceber que a educação passa ser pensada à realidade do campo, dessa maneira, a práxis do homem ligada à ação pedagógica diferenciada passa no plano teórico a constituir a formação do cidadão consciente de seus direitos e deveres, ou seja, crítico e politizado. A lei também prevê a adequação da estrutura curricular às especificidades do campo.

Os indivíduos do campo podem ser representados por pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, boias-frias, entre outros. Tal população possui uma identidade própria, que, devido à industrialização e urbanização, foi aos poucos expropriada.

Nessa direção, buscamos apresentar a pedagogia da mística a partir das experiências do MST e de seus atores coletivos que se fortalecem pela espiritualidade para continuar a caminhada de lutas, de engajamentos e de busca constante por uma sociedade mais justa e solidária. Mística que se faz presente no dia-a-dia dos sem-terra os quais, espalhados pelo Brasil, unem-se numa comunhão esperançosa na luta pelos direitos sociais de Reforma Agrária, Educação, Saúde, Agricultura Familiar e, com isso, conseguem estremecer os palácios do poder constituído.

Há, portanto, uma nova visão de educação diferenciada para o campo, esta nova abordagem deve-se a práticas político-histórica reivindicativa dos movimentos sociais. A palavra campo faz-nos refletir sobre a heterogeneidade de indivíduos que mantém relações de sobrevivência com a terra, construindo, então, valores étnico-culturais e históricos particulares inseridos em processos de exploração e expropriação

diferenciados. Entendemos que a luta dos movimentos sociais do campo no que diz respeito à educação é construir uma pedagogia

[...] voltada aos interesses e ao desenvolvimento sociocultural e econômico dos povos que habitam e trabalham no campo, atendendo às suas diferenças históricas e culturais para que vivam com dignidade e para que organizados resistam contra a expulsão e a expropriação [...] (CALDART, 1997).

Desse modo buscamos identificar o imaginário social presente na mística do MST e compreendê-lo a partir da sua simbologia. Esclarecemos que o imaginário não é um simples conjunto de imagens que vagueia livremente na memória e na imaginação. Ele é uma rede de imagens na qual o sentido é dado na relação entre elas; as imagens organizam-se de acordo com certa lógica, certa estruturação, de modo que a configuração mística do nosso imaginário depende da forma como arrumamos nele nossas fantasias, segundo (GOMES-DA-SILVA; GOMES, 2010, p. 100). É dessa configuração que decorre o nosso poder de melhorar o mundo, recriando-o, cotidianamente, pois o imaginário é o denominador fundamental de todas as criações do pensamento humano (DURAND, 1997).

Situando a teoria do Imaginário, Gilbert Durand (2001) elabora a sua tese partindo da crítica que faz à desvalorização da imagem e do imaginário no pensamento ocidental, que considera a imaginação como “mestra do erro e da falsidade”. Esta desvalorização é fruto da ciência moderna, cujo modelo, global e totalitário, nega o caráter racional, portanto científico, a todas as formas de conhecimento que não se pautem pelos seus princípios epistemológicos e por suas regras metodológicas.

O pensamento pedagógico renascentista se caracterizou por uma revalorização da cultura greco-romana. Essa nova mentalidade influenciou a educação, necessária para todos os homens. Foi um momento fértil de grandes descobertas, tal como a invenção da imprensa por Gutenberg, a invenção da bússola possibilitando grandes navegações dentre outras descobertas.

Vale evidenciar também a reforma protestante, como a primeira grande revolução burguesa, que foi iniciada pelo monge agostiniano, Martinho Lutero (1483-1546), que transferiu a escola para o controle do estado nos países protestantes, uma escola pública. Como também a participação dos Jesuítas com seus planos, programas e métodos na educação, onde tudo estava previsto, desde a posição das mãos e o modo de levantar os olhos, com seu lema “obediência ao papa até a morte”.

Entretanto, é possível identificar no decorrer de toda a história certa resistência ou estranhamento aos estudos sobre a temática educação do campo/mística/imaginário, a partir de algumas marcas que ficaram depois da cisão do binômio igreja/educação. Outro fator também que contribuiu para a resistência desta temática diz respeito ao lugar distinto que cada uma destas áreas vem ocupando ao longo dos anos, sendo alvo de resistência, desconfiança e tratada de forma cautelosa por alguns estudiosos.

Por outro lado, a Educação do Campo entendida como prática social é fundamental para a superação das injustiças sociais no campo, do analfabetismo e a baixa escolarização da população camponesa. As políticas públicas educacionais permitem com que a sociedade direcione o olhar e, atribua importância a Educação do Campo para a transformação social.

De modo que, na perspectiva de reafirmar essa relação, educação do campo/mística/imaginário bem como em contribuir com um aprofundamento sobre a temática, foi que, formulamos nossa questão-problema: Qual o imaginário presente nos símbolos utilizados na mística enquanto ação pedagógica que ensina e dá forças para que os sem-terra possam construir demandas e bandeiras de luta?

Para responder nossa questão utilizamos o nosso plano de trabalho como uma forma metodológica de desenvolver o estudo por etapas, a compreender toda a dinâmica na qual se insere a mística enquanto ação pedagógica no MST e descrever a imagem que ressalta momentos de mística, identificando um os principais símbolos do MST – a bandeira.

## **METODOLOGIA**

No mundo acadêmico, fazer ciência é importante para todos porque é por meio dela que se descobre e se inventa. Por meio das observações e do experimento, nós interferimos e alteramos a própria natureza e o fenômeno observado. Nos dias de hoje, muitas áreas da ciência se sobrepõem de tal forma que estudiosos de áreas diferentes podem se dedicar a um mesmo tipo de problema, com pontos de vista distintos.

A pesquisa é um processo reflexivo, sistemático, controlado e crítico que nos conduz à descoberta de novos fatos e das relações entre as leis que regem o aparecimento ou ausência dos mesmos.

O interesse e a curiosidade do homem pelo saber levam-no a investigar a realidade sob os mais diversificados aspectos e dimensões. Por outro lado, cada

abordagem ou busca admite níveis diferentes de aprofundamento e enfoques específicos conforme o objeto de estudo, objetivos visados e a qualificação do pesquisador.

A Mística apresenta significativa e crescente inserção na sociedade nacional, por razões de natureza política, histórica e sociológica, e dialoga, compatibilizando sua visão de mundo, com as religiões do cristianismo. Nosso objetivo consiste em descrever a mística enquanto ação pedagógica que ensina e dá forças para que os sem-terra possam construir demandas e bandeiras de luta e identificar nos símbolos que mais são utilizados o imaginário da experiência mística.

No intuito de alcançar o nosso objetivo, selecionamos a pesquisa *descritiva* por esta ter enquanto “objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42). A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los.

Assim, esta pesquisa procura descobrir, com precisão possível, a frequência comum que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características, causas. Busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas.

A pesquisa descritiva engloba dois subtipos: a Pesquisa Documental e/ou Bibliográfica que tem como objetivo recolher, analisar e interpretar as contribuições teóricas já existentes sobre determinado fato, assunto ou ideia e a pesquisa de campo. Selecionamos para nosso estudo a pesquisa documental e/ou bibliográfica para nossa coleta dos dados, com abordagem qualitativa. Para realização deste artigo, delimitamos a bandeira do MST como recorte:

Figura 1 – Bandeira MST



Fonte: [www.imagensmstnobrais.br](http://www.imagensmstnobrais.br) (2017)

Assim, analisamos a bandeira um dos símbolos que constitui a mística do movimento dos sem-terra, onde cada detalhe tem um significado ou uma representação atribuída por eles - os camponeses, com um sentido ímpar que os fortalece para continuação na sua caminhada de luta e os torna cotidianamente pessoas capazes de enfrentar qualquer obstáculo na busca de seus ideais.

Analisando a bandeira minuciosamente conseguimos identificar o significado de cada representação presente na mesma, onde a cor branca significa paz, compreendendo que somente ocorrerá com justiça social; a cor preta é o luto e uma homenagem a trabalhadores e trabalhadoras que lutam por uma sociedade justa, em que todos venha a tornar-se sujeitos de direitos; a cor vermelha é o sangue nas veias dos camponeses e a perseverança de gritar, lutar, combater os poderosos e que possam ser ouvidos a fim de que aconteça a reforma agrária, transformando assim a sociedade; o facão instrumento de trabalho, labuta, luta e resistência, perpassando o mapa e mostrando que o movimento não é local e sim internacionalista; o mapa do Brasil representa a luta de todo o país do Movimento do Sem Terra e que a distribuição de terras com igualdade deve acontecer no país inteiro; A cor verde quer dizer a esperança que vive, devido a vitórias alcançadas na conquista de suas terras; trabalhadora e trabalhador representa a fundamental importância da participação ativa feita por mulheres e homens, por famílias inteiras nas lutas diárias com o intuito de conquistar seus direitos de cidadãos e uma vida com dignidade humana.

## **RESULTADOS**

Figura 2 – Movimento MST



Fonte: [www.imagensmstnobrais.br](http://www.imagensmstnobrais.br) (2017)

Compreendemos a mística-espiritualidade como sendo as motivações, os ideais, as utopias, a paixão pela qual se vive e se luta. Mística-espiritualidade é aquilo que contagia a caminhada. Os espiritualismos estão repletos de doutrinas, ritos, dogmas sem nenhuma paixão, ideais e vida. Falta-lhes o essencial da experiência com o sagrado.

A mística-espiritualidade possui a liberdade de espírito. Vale ressaltar que a mística é uma adesão pessoal a um projeto de vida a ser vivido em comum por um grupo social.

E partimos do pressuposto de que o **imaginário social** presente nesta mística expressa-se por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Tais elementos plasmam visões de mundo e modelam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças tal como nos assegura Moraes (2002).

## **DISCUSSÃO**

A partir da leitura efetuada sobre a mística da bandeira do MST foi possível identificar o imaginário social como elemento que ultrapassa o discurso racional, e sim um processo simbólico, bem como a força do ritual que possui, segundo Moraes (2002).

Entendemos que o imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade.

Portanto trata-se de uma produção coletiva, já que é o depositário da memória que a família e os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. Nessa dimensão, identificamos as diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, ou seja, como eles se visualizam como partes de uma coletividade como nos assegura Moraes (2002).

Nesta concepção, partimos do pressuposto de que é por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo, e ponderamos que é nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro segundo Moraes (2002).

## **CONCLUSÕES**

A mística-espiritualidade é patrimônio de toda a humanidade, de todos os povos da terra. Toda e qualquer pessoa é animada por uma mística-espiritualidade que a

contagia na caminhada. Alguns são contagiados pelos valores do Evangelho, outros pela sedução do mercado neoliberal, outros pela valorização da cultura perdida. Assim, a mística-espiritualidade não se refere somente às religiões. Ela é algo do próprio ser humano, que é um ser fundamentalmente espiritual-material. Então nos perguntamos em que consiste o imaginário da experiência mística? Será o encontro da razão última da existência ou a possibilidade de dar à existência um sentido.

Partimos do pressuposto de que a pedagogia da mística no MST pode ser um espaço de aprendizagem da escuta ao clamor que brota do silêncio de muitos, excluídos de ser gente, de serem pessoas humanas dentro desse sistema voraz baseado nas relações de produção capitalistas. Até porque para o MST, existe uma realidade clamorosa, realidade de seres negados em sua existência, que são os pobres, aqueles que escondem atrás do clamor desejado um profundo silêncio, sufocado e destruído. Pobres são os que des-vivem sua existência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. SP: Martins Fontes, 1990.
- BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRANDÃO, C. **O que é educação?** SP: Brasiliense, 1981.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Operacionais para a Educação básica nas escolas do Campo. Brasília, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Referências para uma política nacional de Educação do Campo: Caderno de Subsídios/Coordenação: Marise Nogueira Ramos, Telama Maria Moreira, Clarice Aparecida dos Santos - Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Grupo Permanente de trabalho de Educação do Campo, 2004.
- CALDART, R. S. **Educação em movimento: formação de educadoras e educadores do MST**. Petrópolis: RJ Vozes, 1997.
- CHAVES, Iduina Mont'Alverene. **Vestida de azul e branco como manda a tradição: cultura e ritualização na escola**. Niterói/RJ: Quartet/Intertexto, 2000.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. Vera da Costa e Silva. 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- DAMASCENO, M. N. **Pedagogia do enfrentamento no cotidiano das lutas do campo**. IN: 16ª Reunião Anual da Anped. N°06, 1993, Caxambu. Cadernos Anped. Caxambu: ANPED, 1994. Pg 125-162.
- DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. 7 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. SP: Cultrix/EDUSP, 1988.
- DURAND, Gilbert. **A estrutura antropológica do imaginário**. 2.ed. Martins Fontes: SP, 2001.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. RJ: DIFEL, 2004.

FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. SP: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. SP: Atlas, 2002.

GOMES, Eunice Simões Lins. **A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes**: quando a imaginação molda o social. JP: Ed. UFPB, 2011.

GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando; GOMES, Eunice Simões Lins. **Malhação**: corpo juvenil e imaginário pós-moderno. JP: Ed. UFPB, 2010.

MORAES, Dênis de. Imaginário Social e hegemonia cultural. Disponível em: [http://www.acesa.com/gramsci/texto\\_impressao.php?id=297](http://www.acesa.com/gramsci/texto_impressao.php?id=297).

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeane Sawaya. 2 ed. SP: Cortez; Brasília: DF: UNESCO, 2000.

SANCHEZ-TEIXEIRA, Maria Cecilia Sanchez. **Discurso pedagógico, mito e ideologia**: o imaginário de Paulo Freire e de Anísio Teixeira. RJ: Quartet, 1990/1998, 96 p.

<https://www.google.com.br/Imagens+MST+no+Brasil>

<http://www.mst.org.br/nossos-simbolos/>